

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007

**Do Guairá ao Iguassu: território e paisagem fazendo a nação**

Liliane da Costa Freitag\*

**Resumo:** Nesse texto a natureza do extremo-oeste paranaense é seu personagem de primeira grandeza. Analisa sua existência a partir da elaboração de discursos: narrativas construídas por viajantes brasileiros em torno de suas trajetórias percorridas entre Guairá a Foz do Iguazu no final do século XIX e início do século XX. As narrativas compõem o acervo da literatura de viagem existente sobre essa região fronteira produzida em um período que colocava em relevo necessidade do reconhecimento de suas fronteiras internas: "sertões da nação." Nessa análise a identidade territorial é entendida a partir de uma dinâmica que se re-afirma e se modifica a partir de práticas sociais e de representações que lhe atribuem sentidos. Sua essência é, portanto, social pois (o espaço) não é formado apenas por objetos geográficos, naturais e artificiais: é a composição de todos esses aspectos acrescido da sociedade envolvente : a nação.

**Palavras-chave:** Paraná – viajantes - extremo-oeste.

**Abstract:** In this text the nature of parana extremity-west is its personage of first largeness. It analyzes its existence from the elaboration of speeches: narratives constructed for Brazilian travellers around its trajectories covered between Guairá the Estuary of the Iguazu in the end of century XIX and beginning of century XX. The narratives compose the quantity of the literature of travel existing on this produced bordering region in a period that placed in relief necessity of the recognition of its internal borders: "sertões of the nation." In this analysis the territorial identity is understood from a dynamics that if it reaffirms and if it modifies from practical social and of representations that they attribute to it sensible. Its essence is, therefore, social therefore (the space) is not formed only by geographic, natural and artificial objects: it is the composition of all these aspects increased of the involving society: the nation.

**Key-words:** Paraná – travellers - extremity-west.

No século XIX e nos primeiros anos do século XX, muitos territórios paranaenses, em especial as terras a oriente do rio Tibagi até as margens do rio Paraná, em sua região de fronteira internacional, encontravam-se diluídas em uma história comum às imensas solidões interiores do país. Delas, pouco se conhecia e as informações que se tinha e que lhes davam vida destacavam seus aspectos geográficos: natureza "bela", porém "selvagem". Em um sentido generalizante era um local limite: "sertões do Iguassú ou ainda: sertões do Paraná". (IVANO, 2000: 22).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Conforme Ivano (2000) O Estado Português, antes mesmo de "tocar" essas terras, sabia que os "sertões" eram vastos espaços distantes da costa onde os navegadores construíam suas embarcações. O sertão, lugar extremo, ignoto, longínquo, segundo a mentalidade da época, se estendia para além de Lisboa, para além dos oceanos.

Para o referido autor, nem mesmo a nova racionalidade sobre os usos do espaço construída pelo século XX teria conseguido apagar com esta consistente imagem da paisagem paranaense. O tão propalado progresso, importante projeto desses “novos tempos” que procurava romper com as barreiras que o impediam, contribuiu para a construção de uma aura negativa sobre os supostos espaços vazios da República. O novo projeto civilizador impunha, portanto, o reconhecimento desses espaços interiores como uma forma de reelaborar novas bases para a formação da nacionalidade. Certamente que a afirmação da brasilidade construída no decorrer do Império a partir das idéias imagens do território apregoadas pelo romantismo ainda se sustentava. Entretanto, as representações do Brasil pitoresco, debatiam-se em influências mais céticas: a República propunha fazer dos sertões, antes, entidade quase mítica, intocável e isolada, um espaço integrado ao todo nacional.<sup>2</sup>

Não é nossa intenção o debate historiográfico em torno da emergência da categoria sertão, basta pontuarmos para o momento que, ao longo do século XIX, seus significados, foram alimentados e re-alimentados por discursos e práticas em especial, pela retórica contida no interior das inúmeras narrativas de viajantes nacionais e ou estrangeiros em suas diferentes motivações. Dessas narrativas uma imagem ainda persiste do sertão: área remota, isolada, "fim do mundo."

No Paraná, o início do período republicano foi marcado por generosas sugestões acerca dos seus territórios vazios, como generosas foram às descrições ufanistas sobre o Estado. No fervor do projeto paranista, as referências para a natureza e para as belezas idílicas de seus sertões eram proclamadas. A geração ou gerações desses intelectuais discursavam esse composto de palavras de ordem e propaganda. Fazer elogios ao território, equivalia atrair investimentos, expandir a fronteira agrícola bem como criar de um sentimento de pertencimento ao estado e seus habitantes. Disseminar essas idéias representava colocar o Estado, aparentemente de economia marginal, exportadora de erva-mate e madeira, em sintonia com as transformações pelas quais passava o país. Buscava-se assim, nos primeiros anos do regime republicano tecer alguns capítulos da história do Estado a partir da sua rica geografia, de suas riquezas e de sua população em sua diversidade étnica.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Discussões acerca das bases para a nacionalidade no início do século XX encontram importantes contribuições em OLIVEIRA (1990, a,b,).

<sup>3</sup> Keinert (1978). O autor constrói uma leitura acerca dos fundamentos desse movimento a partir da dinâmica do capitalismo. A partir dessa, procura explicar conseqüências do relacionamento existente entre regionalismo e anti-regionalismo no Paraná. Para Pereira (1998) esse movimento surge “no início do século em Curitiba em

Como exemplo de uma imensidão interior localizada em território paranaense, as terras a extremo-oeste do Estado permanecerão até as primeiras décadas do século XX, também imersas na representação do sertão, quer seja pela sua diminuta e esparsa população de nacionais, quer seja pelas características de sua economia voltada notadamente ao Rio Paraná, e em consequência para o Prata.<sup>4</sup>

“o pharmaceutico é paraguay; o médico é espanhol; o chefe de contabilidade e o do deposito são allemães. [...] a peonada é paraguaya ou argentina”. (NOGUEIRA, 1920: 115). E mais a frente: “Precisamos <<nacionalisar>> de facto aquellas paragens do territorio nacional”, proclama o narrador! Lá é um lugar “onde quasi só se houve falar castelhano e guarani e onde há vastos latifundios em mãos dos estrangeiros.” (IDEM, 1920:159)

Delineia-se nas advertências do autor, não só uma rede de interesses que os relatos eram urdidos, como também os argumentos de que essa extensão de terras, subocupada por paraguaios, argentinos e escassos indígenas, seriam proveitosamente revertidas em benefício do país se colonizadas por laboriosos e civilizados brasileiros. Ademais, fica evidente que se pretendia incorporar a região à ordem urbana, ao mundo da racionalidade. Ocupar o espaço com matizes nacionais era, portanto, uma forma de atualizá-lo com o país. Assim, esses sertões paranaenses, espaços obscuros inclusive na cartografia, tornam-se objetos de descrição de inúmeros viajantes brasileiros tais como André Rebouças, Cândido Ferreira de Abreu e José Maria de Brito. O conjunto de seus dizeres procura enumerar os atributos da terra. Essa atitude, ao que me sugere, reflete dois olhares sobre a natureza: seu encantamento e formas de civilizá-la. Um relato que merece destaque foi produzido por Nascimento (1903). Nesse relato, descreve o trajeto que fizera à foz do Iguazu seguindo o próprio rio em 1903. Além desses, Nestor Borba em companhia de Telêmaco Borba no final de 1875, também produziram um rico relato sobre a região. Ambos percorreram o trecho entre Curitiba e a

---

uma época de efervescência cultural em função do surto da erva mate. Época que carecia de novas representações políticas e tradições regionais.” (PEREIRA, 1998:76). Souza (2002) questiona a noção de Paranismo como forma de explicar ou significar “tudo sobre o Paraná.” Para o historiador não há uma historiografia do Paranismo e sim estudos esparsos e fragmentados elaborados momentos diversos. Conforme ele, se considerarmos a máxima “tudo é Paranismo,” existiria uma historiografia paranista.

<sup>4</sup> Freitag (2001) destaca que até a década de 1930 esse território estava ocupado por estrangeiros, proprietários de vastas extensões de terras, as quais congregavam em torno de si trabalhadores, também estrangeiros e escassos indígenas. A entrada dos primeiros teve início no final do século XIX, atraídos pela grandeza dos ervais e das matas que extraíam erva-mate e madeira que eram remetidos aos mercados do Prata. Esse território, estava, portanto, integrado à Argentina e ao Paraguai pelas intensas, relações comerciais que detinha com Buenos Aires, Corrientes, Possadas e Misiones. Outra contribuição encontra-se em WACHOWICZ (1987).

Colônia do Jataí, as margens do rio Tibagi, seguindo de canoa pelos rios Tibagi, Paranapanema e Paraná até atingir as quedas.<sup>5</sup>

Essas e tantas outras narrativas são partes de um corpus documental mais amplo de relatos de viagens a esses territórios paranaenses. Cada um deles, é um valioso testemunho na construção da identidade paranaense na medida em que eles, contém certas representações de regionalidade que funcionam como referência básica para o imaginário em torno do próprio Estado na época em que foram forjados. I

Os sentidos atribuídos ao território, encontraram, a nosso ver, nas narrativas que pretendo percorrer, importantes pontos de ancoragem. Esse encaminhamento concorre para pensarmos esse espaço enquanto região, que não existe a priori. Como um construto de diferentes agentes coletivos elaboradas no decorrer do tempo e que, portanto, não se deu separado de qualquer intenções e controles. Seguindo essa linha teórica, defino os discursos em torno do Paraná como um discurso regionalista, ou melhor, como o "discurso performativo" que para Bourdieu (1989) procuram impor como legítima uma determinada visão do que vem a ser o Paraná.

Esses relatos compõem o que chamamos de discurso regionalista a medida que também fundam ou tendem a afirmar um ponto de origem, criando sentidos, projetando-se e instalam-se no imaginário social. Portanto, quando alguém se lança na empreitada de narrar os espaços percorridos, está, em verdade, construindo, a partir de atos de nomeação, uma imagem, ou ainda, um mundo social. Os relatos a seguir possuem como epicentro de suas narrativas cachoeiras (em conseqüência a natureza) e o trajeto entre os territórios de Guaíra e Foz do Iguaçu pelo trecho navegável do Rio Paraná - temas esses pelos quais os narradores procuraram pensar um Paraná no sentido mesmo de pensar o Brasil. Esses relatos são indícios da possibilidade de existência da relação entre espaço, narrativa e memória. O espaço narrado, nessa perspectiva surge como resultado de uma prática que se encontra na base de uma relação existente entre narrativa e historiografia. Mais ainda, surge como uma fonte e como um ato histórico e que contém historicidade(s) própria(s) a(s) quais seus narradores nos permitiram ver através de suas lentes.

---

<sup>5</sup> O primeiro, tornou-se sertanista e atuou na guerra do Paraguai. A narrativa daí produzida preencheu um grande número de páginas em que a marca foi a ânsia em explorar os "vazios" dos mapas, descobrir plantas e terras, nomeando-os e descrevendo-os. Ver demais discussões em torno do tema em Denipoti e Berberi (1999).

Coronel José Cândido da Silva Muricy, nascido em 1863, filho de médico homônimo, fora cadete da Escola Superior de Guerra, no golpe que derrubara a monarquia brasileira, o que assegurou-lhe, em um certo sentido, uma rápida ascensão militar. Denepoti e Barberi (1999) chamam atenção para o fato de que muito embora não fique claro que tenha nomeado as imensas quedas d'água do rio Iguaçu, ele, “juntamente com o alferes Edmundo, foram os primeiros a verem-na no período republicano.”(DENEPOTI e BARBERI, 1999: 4). Esse jovem viajante, em 1892 aos 33 anos, cumpria tarefa de abastecer com víveres à recém implantada Colônia Militar da foz do Iguaçu.<sup>6</sup> Esse, bem como tantos que cursaram esse trajeto foi invadido pela sensação de isolamento: "penosissima viagem" [...] asperrimo sertão, o maior e o mais bruto do estado”. (MURICY, 1896:4).

Suas palavras realimentam a imagem sertão – ilha – solidão, posto que para ele a região simulava um universo encerrado em si e fechado ao restante do mundo a exemplo das palavras que seguem:

*de Catanduvás em diante o caminho é horroroso; o solo muito accidentado e o matto apresenta-se em toda sua pujança, mostrando na desmedida grossura de troncos colossais, que conta por dias os séculos da existência. Além disso tem-se de atravessar manchas de léguas de extensão, só de taquerussús, por um verdadeiro túnel cortado nas enormes touceiras. Caminha-se horas inteiras; sem se ver uma nesga sequer de céu. Quasi que toda a viagem foi feita debaixo de chuva, que tornava os caminhos que não são bons horrorosos. Dá-hia a cançar quasi toda a tropa, a ponto de serem tropeiros obrigados a viajarem pé para porerem cangalhas nos animais que monatava. Levamos 34 dias para atravessar o sertão. Os generos que levamos acabaram e fomos obrigados a lançar mão da farinha que ia para a colônia. (IDEM:17-18)*

A sensação isolamento narrada acima no meio da solidão do lugar percorrido possui um sentido que passava pelo seu entendimento do que, para ele deveria vir a ser o próprio país. Visão de acordo com um tempo para o qual a natureza, símbolo da brasilidade, passou a ser tratada como um espaço passível de intervenção social para a implantação de novos espaços de produção e sociabilidade. Essa narrativa comporta assim a idéia de um lugar cuja negatividade advém de seu próprio território.

Em 1905, Manoel de Azevedo da Silveira Neto, funcionário do Ministério da Fazenda, chegava a cidade de *Iguassú*, na época, Colônia Militar como responsável pela

---

<sup>6</sup> Localizada na tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai, como parte do projeto de integração e segurança nacional essa Colônia fora oficialmente criada em 1888.

instalação de uma Mesa de Rendas Federais. Após percorrer longo trajeto, reeditou sua saga em uma série de conferências públicas. A primeira delas, apresentada em um colóquio denominado *Sabados literários* dirigia-se a um seletto público de intelectuais no Rio de Janeiro no ano de 1910. Essa palestra, ilustrada pelo recurso fotográfico, veio a público financiada pelo governo paranaense e serviu sobremaneira como instrumento de divulgação das belezas naturais e das potencialidades do Estado para o progresso da Nação. Em uma narrativa recheada de tons ufanistas, o viajante descortinou uma paisagem interior procurando demonstrando que, conquistar essa extensa região desconhecida, representava sobretudo, vencer o mistério que a cercava para revelar a nação que pulsava no interior do Brasil:

*Rumo aos saltos do Iguassú. Munidos de farnél e preparos de pouso, cavalgamos os nossos animais, na séde da antiga Colonia do Igassú, e partimos por invios atalhos, florestas adfentro, dorso curvado para evitar o galho pendente ou o espinheiro agressivo da picada. A'frente um camarada, facão em punho, abria o matagal [...] Atravessamos cautelosamente [...] galgamos a barranca oposta e abrimos vereda para frente pregozando a nova emoção que nos aguardava. (NETO, 1939: 142)*

Júlio Nogueira, professor, especialista em lingüística, ao final de 1919, ao sair do Rio de Janeiro, no gozo de suas férias, percorreu o Estado de Santa Catarina, as cidades de Buenos Aires e Montevidéu, adentrou pelo Prata, até o *porto Iguassu*, último domínio brasileiro. De lá, seguiu a trilha navegável do Rio Paraná, até as quedas do *Guairá*. Durante o percurso, reteve as minúcias, de quem, na passagem, intencionalmente as colheu.

Cada um desses viajantes, com exceção do José Cândido da Silva Muricy, percorreu em itinerário próprio o curso das águas, do Rio Paraná. Todos, no entanto, se colocaram de frente as quedas d'água do *Iguassú*, ponto de extrema brasilidade. Na realidade, chegar até os Saltos de Santa Maria, (Cataratas do Iguaçu) constituía a grande expectativa dos três viajantes. Atingir esse último domínio brasileiro - representava redescobrir o Brasil para si e ao mesmo tempo para os brasileiros.<sup>7</sup>

Julio Nogueira foi o narrador que melhor expôs a sensação de que ali se encontrava uma região, que parecia estar de costas para o restante do Estado:

---

<sup>7</sup> A rota mais comum para se chegar ao *Iguassú*, e dali alcançar o *Guairá* iniciava-se no Rio Grande do Sul, prosseguindo via Montevidéu, Buenos Aires, Rosário, Corrientes e Posadas; as quatro últimas na República da Argentina; e daí subindo o Rio Paraná até o a foz do Rio Iguaçu ou *Porto Iguassú*, na linguagem da época, sobretudo, em navios argentinos ou paraguaios.

*entre Guarapuava a Foz do Iguaçu o percurso era feito em 72 horas de automóvel. Esse meio de transporte, entretanto, é no momento caríssimo, por causa do desgaste material ocasionado pelas condições ainda imperfeitas daquela via. Até hoje a viagem, tem sido feita [...] por estrada de ferro, via Uruguayana, de onde, transposto o rio Uruguay, continúa, em paso de Los Libres, pela estrada de ferro argentina até Posadas e dahi, pelo alto Paraná, até a Foz do Iguassú. (NOGUEIRA, 1920: 6)*

Cada narrador, apesar da distância que os separava no tempo, animava-se pela possibilidade de colocar-se, mesmo que diminuto, diante da imensidão das águas:

*Obra monumental da natureza [...] um espetáculo interessante. A paisagem que d'ahi descortinava-mos, era bonita. Tinhamos um grande sentimento de sermos tão poucos a admirar obra tão bella da natureza: e como ahi, em diversos outros pontos do nosso estado, tivemos alem d'esse sentimento, o de não encontrarmos algo a quem comunicar as impressões que nos iam n'alma. (MURICY, 1896:45).*

Interessante destacar que duas décadas mais tarde, Julio Nogueira, orientado por esse mesmo rumor, também afirmava estar diante do mais belo espetáculo de sua vida. E, nos trajetos assim representado, os viajantes marcaram um lugar oeste nos confins do Paraná, linha limite para a civilização. Nesses diferentes percursos, há alguns temas intimamente entrelaçados. **O primeiro** refere-se à mata verdejante, cujo exotismo enchiam os olhos dos narradores. O imaginário construído sobre as matas, carregaria consigo **o lugar - sertão**, extensão de um Brasil abandonado que deveria ser recuperado pelo **progresso**, e não menos importante, o encantamento ao tocar os pés no último domínio, diante das imensas quedas d'água, que a anteriormente desvelamos nessas esparças passagens.

*Nesse canto tão longe das autoridades brasileiras. Tão longe, perdidos isolados no meio d'essas solidões, entristece-nos o alegre cantar do passarinho, doe-nos no intimo o triste gemor da jurity [...] ao cahir da tarde. Amedronta-nos o monotono ruido das cascatas, encommoda-nos o farfalhar das folhas, embaladas pelo vento, tudo enfim nos causa uma desagradavel impressão, porque tudo insensivelmente se alia ao nosso isolamento. É preciso muita força de vontade e quasi nenhuma amor á vida, para não desanimar, no meio d'esse sertão, onde não se encontra um habitante, um ente que em caso de necessidade venha em nosso socorro.. (Muricy, 1896)*

Os atributos citados nessa epígrafe, em uma primeira "mirada," são sugestivas pelas representações regionais que carregam consigo. Extraídas ao longo da narrativa de José Cândido Muricy, sem nenhuma consideração das páginas que se encontram, essas colocações

expressam apropriações do espaço elaboradas ao longo das demais narrativas aqui destacadas. Assim refazer os percursos desses viajantes significou, de algum modo, transitar por um mapa demarcado por oposições: em um extremo, pela negatividade posto que ali não havia indústrias, comércio, meios de comunicação, ou brasilidade, em outro, pela positividade contida na exuberância de suas matas.

Como o escritor-viajante de Sússekind, (1999) que ao dizer "o Brasil não é longe daqui" demonstra a sensação de "não estar de todo" esses viajantes também revelaram uma inadequação ao lugar encontrado. No entanto, acrescentaram que ali, apesar de tudo, com certeza estava o Brasil. Suas idéias miragens apoiadas no real ao comportarem também dimensões do sonho e ilusões do espírito, recolocaram em evidência representações do espaço paranaense contribuindo para a construção de uma memória social para o país. Os textos aqui destacados, ao cunharem individualmente um espaço a conquistar também expressaram uma "sensibilidade coletiva a respeito da organização espacial do país, resultado do processo de conquista." (ARRUDA, 2000:17). Aliás, apesar de produzidos em momentos diferentes (1892, 1905, 1919) e, de suas distintas estruturas, essas, contribuíram para pensar o Brasil em seu processo de formação e que se mostra ainda inacabado a procura da sua conclusão.

### **Referências bibliográficas:**

- ARRUDA, Gilmar, **Cidades e Sertões: entre a história e a memória**. Bauru: EDUSC, 2000.
- BARBIERTI e DENIPOTI, **Relatos de Viagem de Guaíra a Foz do Iguazu (1870-1920)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- FREITAG, Liliane da Costa. **Fronteiras perigosas, migrações internas e a construção de um espaço vital ( 1937-1954)** São Leopoldo, 1997. Dissertação (Mestrado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- IVANO, Rogério. **Crônicas de fronteira imagem e imaginário de uma terra conquistada**. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista. UNESP, Assis: São Paulo, 2000.
- MURICY, José Cândido da Silva. **Á foz do Iguassú. Ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuava á Colôna da Foz do Iguassú em novembro de 1892**. Impressora paranaense: Jesuíno Lopes &cia. Rua Riachuelo, n. 19, Curityba, 1896.

NASCIMENTO, Domingos. **Pela Fronteira**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1903.

NOGUEIRA, Julio. **Do Rio ao Iguassú e ao Guairá**. Rio de Janeiro: Typ. Editora Carioca, 1920.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A questão nacional na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SILVEIRA Neto. Manoel de Azevedo da. **Do Guairá aos Saltos do Iguassú**. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.

WACHOWICZ, Rui C. **Obrageros, mensus e colonos: História do oeste paranaense**. 2.ed. Curitiba: Vicentina, 1987.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador a viagem**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.